

42º Encontro Anual da Anpocs
SPG44 Trabalho e resistência em territórios rurais

**ANÁLISE DE MÉTODO DE ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA E
POLÍTICA DO MOVIMENTO DA BOA NOVA**

Lívia Rabelo

Introdução

A ênfase deste trabalho recai sobre o método de organização social e política de grupos religiosos camponeses, que se deu em grande intensidade entre as décadas de 1970 até 1990. Trata-se de um longo processo de formação que teve início com o Movimento Apostólico dos Pioneiros do Evangelho (Mape)¹, tendo continuidade a partir do final da década de 1950 com a experiência do Movimento da Boa Nova (Mobon), embora com ênfases distintas, a partir da atuação de dois missionários sacramentinos, Alípio Jacinto e João Resende. Os missionários passaram por experiências construtivas enquanto auxiliavam o padre responsável pelo Mape e estavam cientes da importância da compreensão da mensagem bíblica pelo leigo católico, antes para provar que o catolicismo era legítimo frente a palavra de Deus, e depois para que o leigo refletisse as passagens na realidade atual e identificasse modos de agir coerentemente em relação a fé e à vida, a oração e a ação.

Os ensinamentos seriam passados, então, mediante um método, o método de Jesus Cristo, ou seja, o testemunho de vida, a união de fé e ação na vida. Para levar a cabo esse projeto seguia-se formando lideranças, não mais para lutar, mas agora a fim de formar comunidades e se aproximar do “reino dos céus” aqui na terra. As lideranças eram estimuladas a saírem em duplas, sempre um mais experiente e um que estava iniciando para que o iniciando se sentisse confiante, caso fosse questionado sobre algo que ainda não tinha conhecimento. Em geral, as lideranças entrevistadas, atualmente já acostumadas ao mundo público, contam como era desafiante o momento em que foram escalados a ministrar cursos sem se sentirem preparados. Essa era uma das estratégias utilizadas, que o leigo se tornasse líder na prática, mostrando que ele era capaz de ministrar um curso e com isso seria importante para sua vida em geral.

Diante disso, me proponho a analisar o método de organização religiosa e política de grupos sociais camponeses da Zona da Mata e Leste Mineiro, onde instituições políticas, como Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR's) e o Partido dos Trabalhadores (PT), tiveram origem a partir de cursos do Movimento da Boa Nova (Mobon) e a criação das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's).

Para tanto, neste trabalho, me baseei em relatos orais, observação participante, e análise documental. Os relatos orais são referentes à narrativas de lideranças religiosas e/ou políticas

¹ Para saber mais sobre o MAPE ver Oliveira (2012).

leigas residentes de sete municípios da Zona da Mata Mineira; a observação participante foi realizada em diversas reuniões de movimentos sociais e conversas durante o curso da Campanha da Fraternidade 2018 (CCF2018) na Casa de Cursos do Mobon, no município de Dom Cavati no Leste de Minas; no que tange à análise documental me foquei em livros históricos sobre o Movimento da Boa Nova, em documentos analisados na Sede do Mobon, como os cadernos que registram as listras de presença, livros redigidos a mão sobre a história do Movimento e fotos, e nos cadernos da Cora Furtado Melo que contêm anotações manuscritas, livretos e folhetos referente às atividades do Mobon as quais participava, desde a década de 1970.

O Movimento da Boa Nova

O Movimento da Boa Nova² é um movimento da Igreja Católica de caráter evangelizador, que tem como objetivo a formação de lideranças leigas católicas e da vida em comunidades, tendo seu ápice de atuação entre as décadas de 1960 e 1990. Esse movimento surge como um desdobramento do Movimento de Apostolado dos Pioneiros do Evangelho, que manteve seu *habitus católico militante*, embora o foco tenha se deslocado da polêmica e da discussão para formação de comunidades. O movimento ganhou força especialmente entre os trabalhadores rurais com baixa escolaridade formal, sendo visto por estes como um agente de aprendizagem. Assim, os que denomino aqui como lideranças leigas do Mobon são trabalhadores rurais de baixa escolaridade formal, que participaram dos cursos do Mobon, se destacando e se tornando uma liderança leiga religiosa, com a missão de “passar para frente” os ensinamentos bíblico-religiosos que haviam recebido.

No que se refere ao contexto internacional, na década de 1960, a Igreja Católica estava diante do Concílio Vaticano II que, entretanto, teve efeitos particulares, se adaptando ao cenário das distintas regiões. Na América Latina, como fica evidente nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo, Aparecida), adotou-se um posicionamento a favor dos pobres principalmente na Conferência de Medellín (1968). Montero (2012) cita a Teologia da Libertação³ como uma inspiração para várias lideranças religiosas que desempenharam um

² Para saber mais sobre o Mobon ver Oliveira (2012), Comerford (2003), Rabelo (2017).

³ Os postulados da Teologia da Libertação vão ao encontro da “opção pelos pobres” cujo postulado é que “embora Deus ame igualmente os pobres e os ricos, favorece os pobres em sua luta pela libertação das

papel crucial, tanto na formação de lideranças populares, quanto na organização de movimentos sociais de base.

Dentre os movimentos que objetivavam a formação de lideranças religiosas, instruindo leigos através do conhecimento bíblico, religioso e organizacional, encontra-se o Movimento da Boa Nova (Mobon). De acordo com Oliveira (2009), em fins da década de 1970, os ideais da Teologia da Libertação estiveram mais presentes nos cursos do Mobon, sendo o foco na necessidade de atuação social e política dos leigos para buscarem justiça social, possibilitando uma vida terrena mais justa. Já na década de 1980, após o processo de redemocratização, setores da Igreja Católica, como o Mobon, tiveram forte significação eleitoral.

No que diz respeito ao cenário nacional, como apontam Gomes e Andrade (2011), a expansão do protestantismo e o fato de haverem poucos padres, sendo a maioria deles estrangeiros que falavam mal o português propiciou o contexto em que se “plantou a semente” do que atualmente conhecemos como o Movimento da Boa Nova. Portanto, não se pode pensar o Mobon enquanto um evento factual isolado no tempo e no espaço, mas sim como um processo que foi se desenvolvendo, em constante contato com as demandas internacionais, continentais, nacionais, que foram reinterpretadas pelos grupos sociais de acordo com o contexto local no qual estão imersos.

É nesse cenário histórico que surge o Movimento da Boa Nova (Mobon), um movimento católico consolidado após o Concílio Vaticano II (1962 – 1965)⁴ e que, não obstante suas especificidades, se assemelha a outros movimentos que surgiram a partir das Conferências Geral do Episcopado Latino Americano e da Teologia da Libertação no que se refere à participação do leigo na Igreja Católica. Tem como objetivos promover cursos católicos para leigos, a fim de partilhar os conhecimentos bíblico-religiosos⁵ e estimular a formação de lideranças preocupadas com a vida em comunidade.

estruturas opressoras do capitalismo, criados pelos ricos (...) a salvação deve ser encontrada nesta vida: não é um prêmio a ser obtido após a morte” (Theije, 2002, p. 23).

⁴ Dentre as transformações proporcionadas pelo Concílio II, podem ser enumeradas as de maior participação dos leigos, justiça social, maior sentido de comunidade, maior corresponsabilidade dentro da Igreja e relações de maior proximidade entre o clero e o povo exigiam na América Latina mudança maior do que na Europa (Mainwaring, 1989, p. 63).

⁵ Esse processo de formação teve início com o Movimento Apostólico dos Pioneiros do Evangelho (MAPE), tendo continuidade a partir do final da década de 1950 com a experiência do Mobon, embora com ênfases distintas, a partir da atuação de dois missionários sacramentinos, Alípio Jacinto e João Resende. Para saber mais sobre o MAPE, ver Oliveira (2012).

A organização comunitária, proposta pelo Movimento, caminha lado a lado com a formação de lideranças comunitárias. Dados esses objetivos, Araújo (1999) aponta os cursos de aprofundamento como fundamentais nesse processo, esses cursos são constituídos pelo *Pré-Boa Nova* e pelo *Boa Nova*. O conteúdo do *Pré-Boa Nova* é catequético, abordando questões básicas da fé, enquanto o conteúdo do *Boa Nova* procura despertar o leigo para a liderança, levando-o a assumir responsabilidades pastorais em sua comunidade. Para João Resende⁶, essa formação continuada e progressiva é o grande segredo da formação e animação das lideranças no trabalho da Boa Nova (Gomes; Andrade, 2011).

A abertura desta instituição para o leigo, acompanhada dos cursos oferecidos pelo Mobon, da formação de lideranças religiosas e de comunidades no meio rural, promoveram uma ressignificação das práticas locais com o foco na vida em comunidade. As experiências geradas pelos cursos, como ministrar cursos em outras localidades rurais e conhecer novos leigos, propiciaram uma sociabilidade que caracteriza o Movimento. O contato com outros indivíduos e grupos que lutavam em busca de maior justiça social sugeria uma necessidade de reflexão sobre sua própria realidade e meios para melhorar a vida comunitária. Nesse contexto, o engajamento político da liderança leiga, já adaptada a falar e argumentar em público, assim como a coordenar comunidades, surge como uma forma de alcançar a justiça social, por meio de uma militância religiosa e política. Dessa forma, o Mobon teve influência fundamental ao longo do processo de formação de lideranças e comunidades que desembocaram na ação política como uma forma de unir fé e ação para além do nível local.

Aprendendo um *know how*

Já sabemos que os cursos do Mobon têm por objetivo o anúncio da Boa Nova e para tanto, forma lideranças religiosas leigas para que possam transmitir a mensagem de Jesus e criar comunidades onde seriam plantadas a semente de um “novo céu, uma nova terra”. Assim sendo, o foco desta subseção está no que chamo de *know how* aprendido. Este termo se refere à um conjunto de técnicas, conhecimentos e saberes que foram aprendidos pelas lideranças religiosas durante suas experiências nos cursos do Mobon,

⁶ Missionário que, juntamente com Alípio Jacinto, fundou o Mobon e se destacou pela habilidade de transmissão de conteúdo de forma compreensível. Atualmente, o Mobon tem também como evangelizador o missionário Denilson Mariano.

bem como na vivência cotidiana nas Ceb's e as atividades proporcionadas por essa rede social. Ao fazê-lo, não pretendo afirmar que tais eram saberes exclusivos ou uma inovação do Movimento, mas sim que as experiências de interações foram aos poucos sistematizadas e aplicadas numa espécie de *bricolage* (Lévi-Strauss, 1989) metodológica que foi e ainda é transmitida não somente nos cursos, mas também de geração para geração familiar dentro das comunidades.

Para fins analíticos segmentei o *know how* em três conjuntos de estratégias aprendidas com a finalidade de “anunciar a Boa Nova e testemunhar o reino de Deus”, a saber: o organizacional; o comunicativo; e o comportamental.

Know how organizacional

De acordo com os missionários responsáveis pelo Movimento⁷, Alípio Jacinto e João Resende, ao longo das vivências foram percebendo e desenvolvendo habilidades, aprendendo com os leigos durante as interações e, a partir disso, estabeleceram um método de formação de lideranças, que se constituía num processo tanto pedagógico como organizacional. Como líderes responsáveis a transmitirem os conhecimentos bíblico-religiosos, os leigos eram ensinados a organizar as atividades e cursos, falar em público com segurança, avaliar coletivamente os cursos que ministraram, ouvir mais do que falar e adequar o conteúdo. Entretanto, tais cursos eram diferenciados, já voltados para um público específico, os trabalhadores rurais de diferentes comunidades. Assim, as lideranças leigas foram ensinadas a utilizar o método “Ver – Julgar – Agir”⁸ nos trabalhos de formação, com o foco nos problemas cotidianos da comunidade local e as possíveis soluções construídas pelos próprios leigos participantes dos cursos. Tal método está vinculado à Encíclica *Mater et Magistra* publicada em 15 de maio de 1961, no septuagésimo aniversário da encíclica *Rerum Novarum* e no terceiro ano do pontificado de João XXIII.

Para levar a realizações concretas os princípios e as diretrizes sociais, passa-se ordinariamente por três fases: estudo da situação; apreciação da mesma à luz desses princípios e diretrizes; exame e determinação do que se pode e deve fazer para aplicar os princípios e as diretrizes à prática, segundo o modo e no grau que a situação permite ou reclama. São os três momentos que habitualmente se exprimem com as palavras seguintes: "ver, julgar e agir". (Igreja Católica. Papa (1958-1963: João XXIII), 1961: 235).

⁷ Atualmente o Mobon conta também com o missionário Denilson Mariano.

⁸ O método “Ver-Julgar-Agir” é atribuído à Joseph Léon Cardijn, fundador da Juventude Operária Cristã (JOC).

Quando questionado por Ramon Teixeira sobre o Mobon de antes e o Mobon de hoje, Alípio compreendeu o questionamento como se tratando do Mape como o Mobon de antes, o Mobon da polêmica e dos irmãos em cristo separados e o Mobon de hoje como o relacionado ao Concílio Vaticano II, o Mobon do Papa João XXIII.

Ah bão, você falou Mobon de antes... eu falei. Mobon de antes é muito ligado ainda... no começo... à, ao, à questão da polêmica, né. [Ramon: da polêmica, do MAPE...] Mas ai a partir de 67, o Mobon de hoje. O Mobon do João XXIII, né; nossos irmãos separados... Então hoje, o Mobon de hoje, né. Então hoje nós tamo mostrando a importância do nosso trabalho, não se toca em protestante, não interessa saber. Nem eles interessam em discutir conosco, não tem, não existe isso mais. [...] O Mobon de hoje é o Mobon da mensagem ligado com o Vaticano II, com agora... o Papa Francisco e lá vamos pra frente. (Alípio Jacinto, entrevista concedida à Ramon Teixeira em 08.02.2018)

Os cursos do Mobon de hoje, como o Pré-Boa Nova e Boa Nova, treinavam lideranças leigas para ministrar cursos que aos poucos levava o povo a se organizar em comunidades

Aqui não se trata de cursinhos que dão diplomas ou certificados. Trata-se de cursinhos periódicos que animam e fortificam a caminhada da comunidade e, aos poucos, levam o povo a se organizar em sua classe social (agricultores, operários, etc). Naturalmente o povo vai se organizando oficialmente em associações para ajuda mútua e em sindicatos combativos, os quais vão lutando por sua real autonomia e contra peleguismos de quaisquer tipos... [...] Esses cursinhos são ministrados por leigos treinados para esse serviço. Trata-se de leigos ocupados em sua profissão e que se dedicam ao serviço comunitário na base da gratuidade. Leigos que falam a linguagem própria de leigos. Também esses cursinhos são ministrados na própria comunidade. [...] Para os primeiros cursinhos (de base) são convidados todos que o desejarem. Isso para que se possa fazer uma nucleação. O cursinho tem como primeiro objetivo, formar grupos de reflexão... O cursinho de base é o anúncio de um tema que convoca o pessoal para a vida cristã e apostólica em grupos. Para isso, dentro desses cursinhos tudo gira em torno de grupos e plenários. Isso já é o começo de uma caminhada. Caso na comunidade já existam grupos de reflexão, no cursinho se faz uma revisão e um treinamento para que os grupos se reforcem mais. [...] Pelo que se vê, tudo isso se faz a modo de iniciação para a dinâmica da comunidade. O cursinho de base inaugura na comunidade uma espécie de curso constante: grupos de reflexão toda semana; plenários dos grupos todos os meses... E sempre dirigidos por leigos, repetimos. (Costa, [19-]: 02)

Os grupos de reflexão são uma catequese para adultos, são formados de “pessoas variadas e de várias idades” e “fazem da Bíblia o ‘farolete’ da caminhada”. São grupos apostólicos, uma “escola de missionários leigos” que, aos poucos, “vão adquirindo o desejo de partilha”. De acordo com Kerandel e Del Canto (1977: 31) “a organização de equipes (grupos) de reflexão foi considerada como um dos meios mais práticos para continuar o trabalho de evangelização iniciado.” A reunião dos grupos de reflexão de uma comunidade é feito mensalmente no Plenário, onde se partilham as descobertas dos grupos.

Na caminhada da comunidade, dentro dessa dinâmica (grupos de reflexão e plenários), as lideranças vão surgindo. Esses líderes populares vão despontando e, como foi dito, começa a “pedir marcha”. Começam a pedir mais cursos, mais treinamentos para enfrentarem as novas realidades. (Costa, [19-]: 03)

Em setembro de 1972, foi oferecido no município de Iapu o *Curso de Aprofundamento e Revisão*⁹, em que se enfatizou a importância do uso de um método, pelos missionários, para se comunicar a mensagem durante os Cursos de Base. Assim, salientam a importância de estratégias organizacionais, comunicativas e comportamentais a serem seguidas. Além de condicionar o assunto, as lideranças leigas são ensinadas a organizar e distribuir bem o assunto, percebendo de antemão assuntos essenciais dos secundários, dado o tempo disponível para trabalhar o conteúdo. Essa organização é importante para que todos tenham tempo de participar, mesmo os mais tímidos. O curso deve ser pensado e preparado com antecedência. “Não dizer que o tempo não está dando. Que teria muito a dizer, mas infelizmente, etc. Isto não traz nenhum resultado prático.” (1972: 08).

Frente à dificuldade de alcançar a reflexão de um grupo sobre um texto de maneira organizada num período de tempo determinado, eram dados exemplos de como introduzir um tema, que seria trabalhado no texto a ser lido anteriormente à leitura. Uma característica organizacional presente em muitos dos cursos desde a década de 1970 e que segue semelhante no Curso da Campanha da Fraternidade, em que eu estive presente em 2018, diz respeito à segmentação do grande grupo em grupos menores para facilitar a discussão de diferentes temas e a posterior apresentação da discussão feita em cada grupo menor para todo o grande grupo.

Além dessa dinâmica de organização dos trabalhos, há uma organização anterior da linha de reflexão a ser seguida com relação ao conteúdo a ser discutido nos grupos. Os livretos são divididos em temas, seguidos de uma “Chave de leitura” que são questionamentos sobre o texto bíblico a ser lido. Após a leitura realizada em cada grupo de maneira, seguiram-se questionamentos que provocam a reflexão sobre elementos centrais do texto, bem como o que a “Palavra de Deus” recomenda para a conduta do fiel. Em seguida seguiu-se uma pergunta de caráter reflexivo, em que a resposta não poderia ser encontrada no texto bíblico, mas sim relacionada com a realidade atual, ao que João Resende chamou de “uma pergunta mais individual, cada um vai ter uma resposta”. Logo

⁹ Material disponibilizado por Cora Furtado de Melo.

abaixo havia um texto que relaciona o tema da “chave bíblica” com problemas sociais, trazendo dados estatísticos e citando documentos. A parte final traz um “APROFUNDAMENTO” que nada mais é que uma convocação para encontrar uma solução para um problema identificado a nível local. Como por exemplo “O que podemos fazer, de imediato, para superar a violência doméstica e a violência no trânsito? Dê exemplos concretos.” (Campanha da Fraternidade, 2018: 20).

Embora haja variações com relação ao número de perguntas e de “chave de leitura”, pode-se perceber, através dos materiais de Cora de Melo Furtado e da documentação descritiva feita pelo Padre Gwenael¹⁰, se mantem uma estrutura geral de um texto bíblico, questionamentos relacionados à realidade, um texto explicativo sobre a sociedade atual e reflexões de como problemas atuais se relacionam com a passagem bíblica, ressaltando a importância de não se cometer anacronismos e saber interpretar e transportá-la para o momento atual.

Como já evidenciado por Comerford (2003: 175), a partir de Kerandel e Del Canto (1977):

Foram criadas então as *equipes de reflexão*, uma *reunião plenária* mensal, a *celebração da palavra* semanal, a *eucaristia* mensal. A *equipe* (ou *grupo*) de *reflexão*, seguindo o padrão proposto pelo MOBON, se compõe de 10 a 12 membros adultos (8 a 10 em outras versões) pertencentes a famílias vizinhas, que se reúne uma vez por semana na casa de alguma das famílias, durante uma hora. “Em cada equipe deve haver pelo menos alguns que tenham participado de cursos de base, encontros de jovens, etc.”. Cada equipe deve ter uma Bíblia e o livro “Anúncio da Boa Nova” (atualmente, empregam-se livretos produzidos pela diocese), com temas para reflexão e perguntas para cada reunião. A reunião segue um plano:

Abertura: oração inicial, canto, etc...

Leitura do livro “Anúncio da Boa Nova”

Reflexão sobre o texto: cada um expressa o que pareceu mais interessante para sua vida

Reflexão sobre uma pergunta (indicada). Ao fim do debate o secretário anota a resposta da equipe para a reunião plenária.

Rogações espontâneas

Conclusão: outros assuntos. Oração final, cantos...

Nota: na reunião o dirigente deve fazer todo o possível para que todos os membros participem e cheguem a uma conclusão final aceita por todos.

Esta estratégia pedagógica de trabalho é a dinâmica presente nos grupos de reflexão, que podem ser vistos como o pequeno grupo, que se reúnem mensalmente no

¹⁰ Em 1977, Gwenael e Luís Mario Del Canto escreveram uma avaliação dos trabalhos realizados junto com os missionários e apresentaram tal estudo ao Instituto Pastoral do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM).

Plenário, que pode ser pensado como o grande grupo, onde cada pequeno grupo expõe as reflexões realizadas ao longo das 4 semanas de reunião mensais. Dada a frequência semanal das reuniões dos grupos de reflexão nas comunidades, esse tipo de organização, ou seja, esse *know how* organizacional foi sendo incorporado à vida das lideranças comunitárias. O entranhamento desta metodologia organizacional no cotidiano, leva a tomada de decisões coletivas o que caracterizaria uma representação direta nas decisões tomadas, após a reunião com o grupo. Assim, a cada desafio ou impasse, todos deveriam ser consultados e a decisão tomada após a reflexão e debate de todo o grupo.

De acordo com Kerandel e Del Canto, os fiéis da comunidade também se organizavam para realizar a Celebração da Palavras aos domingos e mensalmente, onde já havia sido realizado um curso de base, se iniciou a Eucaristia mensal. Durante a missa da Eucaristia mensal, afirma Kerandel e Del canto (1977)

ao iniciar a missa o sacerdote encontrava uma folhinha com os nomes dos que participariam: um faria a introdução da missa, outro, da leitura, outros: a leitura, as reflexões, os pedidos (apenas a conclusão era feita pelo sacerdote), a introdução do “Pai Nosso” e , as vezes, alguma ação de graças e os avisos gerais. Kerandel e Del canto (1977: 34).

Esse relato deixa clara a capacidade de organização adquirida pelas lideranças que passaram pelo curso de base e foram incentivadas a seguirem no trabalho de evangelização iniciado. A celebração aos domingos era organizada e realizada pelos próprios fiéis da comunidade, assim como a organização da Eucaristia também era realizada pelos leigos, embora nessa ocasião a presença do sacerdote fosse imprescindível. Ao iniciar a missa, o sacerdote era informado, através uma folha com os nomes de quem iria participar da missa, ou seja, toda a organização, a conciliação de potenciais conflitos na atribuição de atividades, já havia sido sanada, cabendo ao clérigo apenas conduzir o que já estava estruturado.

No que tange à preparação das lideranças leigas para ministrar cursos, os missionários realizavam um curso de preparação, para auxiliar no conteúdo, na metodologia e na performance necessária.

[...] a gente fazia curso no mínimo 45 dias antes, pra depois passar pras comunidades. Nesses 45 dias, é procê ter prazo de estudar, sabe? E todo cursinho que a gente trabalhava era tirado de um livro da Bíblia, Rute, profeta Jonas, né? Profeta Isaias, apóstolo Paulo, ne? Então era... o Alípio, mais o João Resende e sua equipe, tirava dentro da Bíblia um cursinho, eram cursos bíblico só que era recheado com a vida social tinha que casar as duas coisas e tocar né, mas foi muito bom! Todo lugar que eu chego ai, o pessoal que me conhecia [...] (João Clemente, relato concedido à autora do trabalho em 26/07/16)

[...] o Resende preparava a gente tão bem, que chegou lá, as professoras depois admitiram que nós tava muito bem preparado [...] falar de história para professores e nós de primário, eu não, tinha nem entrado em sala de aula, mas graças a Deus, justamente, pela preparação é boa, do Boa Nova, do curso a gente conseguia passar. Claro que uns mais, talvez com facilidade e domínio de falar, o dom de falar, e os outros menos, no meu caso graças a Deus conseguimos lá e vim muito satisfeito daquela época. (Walmir Soares, relato concedido a autora do trabalho em 23.07.2016).

E nós não era preparado só para dar o cursinho, nos era como se fosse um professor, nos exercia o papel de professor e pra aprender com a comunidade, mas a gente tinha bagagem pra qualquer um que fizesse uma pergunta pra gente, a gente tinha bagagem, tanto de vida, como de aprendizado dentro dos cursos, porque nos estudava [...] (João Clemente, relato concedido à autora do trabalho em 26.07.16.)

Isso era interessante porque a gente ia pro Mobon ne e ficava lá as vezes, uma semana, três dias ou então ia pra, pra Eugenópolis, ficava com o João Resende, dois dias nos preparando, era... era duas datas específicas, era Natal e na Semana Santa e a gente depois saía em duplas de dois em dois nas comunidades, reproduzindo aqueles cursinho com aquele material e ai interessante que a gente não dava conta disso, da dimensão disso... (Antônio Silvino, relato concedido a autora do trabalho em 02.03.2018).

Como pode ser visto acima, após a preparação, havia uma estratégia de envio de lideranças para ministrar os cursos. Tais cursos eram sempre ministrados em duplas, um mais experiente e um novato, sendo que o foco estava na formação e segurança do novato, que teria a prioridade na exposição, ou mesmo seria “forçado” a falar. Entretanto, a presença do mais experiente teria a função de passar confiança para o iniciando, auxiliar em questões técnicas, dada a experiência, e sanar dúvidas que o novato ainda não se sentisse à vontade para esclarecer.

[...] inclusive era dupla que ia. Teve um compadre meu que foi comigo, primeira vez que ele foi e minha responsabilidade era maior ainda, porque eu já tinha mais algum tempo de estrada e ele a primeira vez, mas nós saímos muito bem [...] ali um ajuda o outro. E na preparação também alguma coisa que a gente tá esquecendo o que poderia falar um dá um toque ou... então a dupla ajuda demais da conta. (Walmir Soares, relato concedido a autora do trabalho em 23.07.2016).

E sempre mandava um que não era tão desenvolvido como nós já estávamos. (João Clemente, relato concedido à autora do trabalho em 26.07.16).

Podemos dizer, então, que a experiência nos grupos de reflexão, nos plenários, nas celebrações semanais e na Eucaristia mensal, bem como ministrar cursos em diferentes comunidades potencializou um saber organizar eventos e atividades sociais que foi de caráter elementar para as atividades subsequentes dessas lideranças que passaram pelo Mobon/Ceb's.

Know how comunicacional

Antes de iniciar a questão da comunicação propriamente dita, seria conveniente frisar que as lideranças não chegaram ali prontas para aprender o conteúdo para ser transmitido. Vale lembrar que estamos falando de trabalhadores rurais e de uma Igreja que apenas iniciava o processo de abertura para a participação dos leigos. Nesse sentido, os missionários, já de posse de um *habitus militante católico* (Oliveira, 2012), se utilizam de estratégias a fim de ensinar os fiéis a terem domínio para falar em público com propriedade, motivação e confiança.

A fala de maneira motivadora e confiante era uma temática enfatizada nos cursos e atividades do Mobon. Isto porque o aprendizado de como “falar em público” está imbricado na formação da liderança. Esse é um temor constante nos relatos de muitas dessas lideranças, o medo quando “do nada” foi chamado para ministrar um curso. Esse chamado não dava opção de escolha ao fiel, exatamente por saber da timidez e medo no novo, diziam “você vai lá passar o curso” e dada o poder simbólico dos missionários, o novato acatava a decisão e iniciava o processo de habilidade da fala. Essa decisão aparentemente “forçada” e hierárquica, na realidade, não passava de uma estratégia de formação política. Havia a compreensão do temor do fiel em se expor e a decisão forçada mostrava a ele que ele era capaz de se comunicar tanto quanto os próprios missionários, assim ele poderia cumprir sua missão de “passar a palavra de Deus”.

Pude presenciar e sentir na pele a estratégia de se sentir coagido a se manifestar durante minha participação no CCF2018. Fui apresentada como pesquisadora da universidade. Quando da divisão dos grupos para discutir sobre temas específicos, decidi interferir o mínimo possível na discussão. Compreendo que minha presença já afetava o que diziam e como diziam, mas optei por não partilhar minha forma de ver o mundo naquele espaço. Era nítida como minha posição de universitária, ou de novata no Movimento, afetava o discurso dos fiéis. As falas eram direcionadas para mim que me restringia a acenar afirmativamente com a cabeça e olhos e sorrir, numa comunicação não verbal de afinidade com o que estava sendo exposto. Ao final da discussão, é necessário escolher algum membro do grupo para apresentar o que foi discutido para o público. Nesse momento, enquanto a maioria se esquivava da responsabilidade uma liderança indicou a “universitária” que já está acostumada a falar. Subitamente me veio à mente a velha desculpa de “eu sou muito tímida, morro de vergonha de falar”, e foi nesse momento pude sentir o que várias lideranças já me haviam reportado, a timidez deveria ser combatida.

Nesse enquadramento a timidez nunca seria uma desculpa, mas sim um incentivo para que o tímido fosse o responsável pela fala pública. O fiel é sempre incentivado a falar em público, e esse incentivo pode ser visto de uma forma insistente. A mesma liderança que me indicou disse que isso seria bom para mim, para que eu pudesse perder o medo e a vergonha e apresentar meus trabalhos na universidade.

Outra decisão enfática de iniciar o novato na fala, ao menos o novato naquele grupo, aconteceu no último dia de curso, que foi ao mesmo tempo emocionante e constrangedor. João Resende pediu “aos pesquisadores”, eu e Ramon que fizéssemos a benção final. Eu não sabia como fazer uma benção final e Ramon também sussurrava que não sabia como fazê-la com cara assustada. Isso nos faz compreender o que as lideranças quando estavam sendo iniciadas passavam quando diziam que “passavam aperto” quando eram colocados para falar em público. Isto porque fomos pegos de surpresa. Não havia sido feita uma conversa anterior concordando com essa atribuição de responsabilidade, mesmo porque, em sua consciência eu nunca aceitaria fazer a benção final, que eu aprendi ser tão sagrada. A estratégia de fazer falar em público como formação política inclui ser colocado em situações surpreendente às quais seria impossível recusar. Quando contamos empolgados e ainda constrangidos as outras pessoas da casa com quem partilhamos os dias anteriores ao curso, nos perguntaram “e ele não tinha falado nada com vocês não?” e diante de nossa resposta negativa disseram “é, João faz isso mesmo” e todos rimos.

Sentir e experienciar o que muitas lideranças me haviam reportado foi extremamente significativo para mim. No episódio da benção final, Ramon iniciou com uma fala, anunciou que eu leria uma passagem bíblica e seguiu com a reflexão sobre a passagem, no entanto, no meio da reflexão ele começou a agradecer, se emocionou, eu me emocionei, todos nos emocionamos e ao final recebemos os cumprimentos em filas, para nos agradecer pela presença e nos parabenizar pelo interesse de pesquisa. O acolhimento do grupo e a forma calorosa como nós cumprimentaram foi proporcionada pela atividade de fala relativamente imposta, dada a situação. Realmente, uma exposição não consensual seguida do acolhimento posterior próprio das lideranças leigas proporciona uma sensação de pertencimento, de acolhida, de “somos todos irmãos” e uma desenvoltura e desinibição que aprofunda a sociabilidade.

Desenvolvida esta habilidade na liderança, a questão passa a ser como se deveria proceder para que a “palavra de Deus” alcançasse outros fieis. Vale destacar que para além

da importância religiosa da Bíblia, o objeto representa também o início do Movimento da Boa Nova, como uma forma diferenciada de “ser Igreja”. Como nos conta Alípio Jacinto:

O Mobon nasceu com a bíblia na mão. Movimento da Boa Nova, o dos Pioneiros primeiro, né. Nasceu pra esclarecer pro povo que a bíblia... que a Igreja Católica ensina a verdade de acordo com a bíblia. Nasceu por isso. Aí veio a polêmica, veio tudo aquilo. Então, o nosso movimento... até hoje eu falo assim oh "Nós nascemos com a Bíblia na mão" e a Bíblia na mão... igual fala para os carismáticos, por exemplo, que tem um sistema diferente do nosso, mas, as portas estão abertas pra eles. Muitas vezes os carismáticos vêm pra cá ou eu fui lá nos Estados Unidos por exemplo, dei encontro lá. É para Movimento Carismático, né, mas eles não têm esse sistema nosso. O nosso sistema o que que é? É passar a mensagem bíblica... a mensagem bíblica... esse que é o nosso, é o nosso... [...] O nosso papel... é... o Mobon, passar a mensagem, esclarecer a mensagem, aí vem a cantoria, vem toda a animação paroquial, mas sempre tendo base na mensagem... [...] Igual eu falei com você, Jesus quando começou a pregar... olha como ele falou: "O Reino de Deus está próximo, fazei penitência e crede no Evangelho". Então... começou assim. Assim que Ele começou. Você, durante a Bíblia toda, você vai vendo Jesus ou... Moisés, tudo mostrando o caminho de Deus. Então nosso trabalho é mostrar para o povo o caminho de Deus segundo inspiração da escritura. (Alípio Jacinto, entrevista¹¹ concedida à Ramon Teixeira em 08.02.2018).

Para que a mensagem contida na Bíblia se apresentasse compreensível, o processo de comunicação inicial entre missionários e trabalhadores rurais, se baseava numa linguagem simbólica que traziam elementos da vida cotidiana dos trabalhadores rurais, afim de potencializar a democratização da informação (Oliveira, 2010). Ao se descobrir os símbolos e comparações, os missionários puderam adentrar à realidade do povo para que a prática comunicativa fosse munida de sentido de acordo com os costumes locais, em uma comunicação que se fizesse entender, a partir da realidade daqueles que aprendem. De acordo com uma ex liderança religiosa e política de Martins Soares: “O Alípio, mais o João Resende e sua equipe, tirava dentro da Bíblia um cursinho, eram cursos bíblicos, só que era recheado com a vida social, tinha que casar as duas coisas (...)”¹². Se estabelecendo, assim, uma comunicação entre dois universos culturalmente diferentes, por meio da utilização dos símbolos, comparações e formas das falas.

O uso da metáfora como uma linguagem simbólica compreensível, sugere que o modelo educacional que parte do concreto, moldando-se ao público específico, marcou a trajetória dessas lideranças, sendo frequentemente a representação do Mobon como uma “escola”, “uma faculdade”. Não somente o relato dos cursos como um ponto de inflexão

¹¹ Chamo de entrevista por seguir uma estrutura de perguntas e respostas, com perguntas já formuladas, diferentemente do que chamo de relato, em que forneço uma linha temática de interesse e o interlocutor se organiza para narrar sua experiência da forma como se sente mais à vontade.

¹² João Clemente, 62 anos, lavrador, um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores na região, relato concedido à autora do trabalho em 26/07/16.

na vida da liderança, mas também a forma como se comunica quando se refere aos conhecimentos ensinados trazem frequentemente as metáforas para explicar as razões de suas ações ou elementos importantes nos cursos.

De acordo com Resende (2011) um dos pontos marcantes da Boa Nova é o uso da linguagem simbólica através de comparações.

Esse tipo de linguagem leva as pessoas a se sentirem em casa. Sentem que seus afazeres e seus ditos populares estão cheios de sabedoria e que ajudam muito na vida de comunidade. Isto torna a comunicação mais agradável, compreensível, mais direta, mais educativa e mais transformadora. (Resende, 2011: 150).

Ao buscar uma linguagem clara para o trabalhador rural, os grupos de reflexão estimulados pelo Mobon ganharam um caráter popular potencializando o sentimento de pertencimento nos leigos, de fazerem parte da Igreja Católica, o que difere de outros cursos anteriormente propostos por esta instituição. Esse sentimento fica evidente na fala de Romualdo Alves:

Então, ele [João Resende] veio trazendo essas ideias, falou olha em muitos lugar já tem o Movimento da Boa Nova e, através de um grupinho de reflexão... porque a Igreja tinha outros encontros, [...] nesses encontros eles chamavam só aqueles que nois chama de cabeçudo, tubarão, homi rico, está entendendo?¹³

Os grupos de reflexão, por serem pensados para os trabalhadores rurais e estimularem a reflexão, a fala e a ação de liderança, potencializaram a percepção de “ser capaz” nesses indivíduos. “Uma preocupação de todos é não ficar falando “em termos de cúpula” arriscando-se a desligar-se da base.” (Costa, [19-]: 03). Essa formação popular, que estimula o sentimento de pertencimento, dando abertura para uma maior participação e reflexão sobre si e sobre o ambiente em que se vive, potencializou a capacidade de organização enquanto comunidade, a possibilidade de mudar não somente a sua história, mas a forma como eram vistos pelos outros. Dito de outro modo, as categorias linguísticas são categorias de construção de mundo. É a partir da produção da metáfora e da metonímia que se constrói a possibilidade da transformação, onde se constrói o código, o engajamento, o sentimento de pertencimento. É na produção da estética, onde o significante se descola do significado, que surge a possibilidade da construção do novo.

A formação das lideranças não ocorre somente através do conteúdo passado nos cursos através de metáforas e de uma linguagem referencial, mas também se dá por uma linguagem poética sempre referenciada enfaticamente à João Resende. Assim, argumento

¹³Romualdo Alves, 63 anos, lavrador, relato concedido à autora do trabalho em 24.07.2016.

que o significado da mensagem também está na poética, na estética, a própria forma já é conteúdo e, por conseguinte, já produz um efeito por si só. (Tambiah, 1985; Bauman e Briggs, 2006; Bloch, 1989). “A primeira preocupação não é tanto com o conteúdo. O método já é o conteúdo inicial. O importante é que as pessoas vão se encontrando, começando uma experiência de comunidade, através de um relacionamento pessoal.” (Resende, 2011: 194). Não significa dizer que a função referencial não estava presente nas narrativas dos cursos. O modelo das ações cotidianas dos líderes leigos deveria ser transmitido oralmente via cursos, entretanto a própria descrição das ações de Jesus Cristo – como no livreto *A Caminha da de Jesus* – já se apresentava como uma prescrição de agência (Bourdieu, 1996). A própria função referencial da linguagem dizia respeito, muitas vezes, a importância da utilização das “parábolas”, ou seja, do “método de Cristo”.

Também a manutenção do *status* líder, exigia a coerência a um imperativo moral religioso. Para auxiliar nessa formação, havia cursos específicos para aqueles que teriam funções específicas. Um dos cursos com objetivo de formar lideranças era o *Curso de Coordenador de Comunidade*, que tinha prescrições explícitas sobre a conduta do coordenador, como pode ser visto abaixo com base nos manuscritos de Cora de Melo Furtado, referente ao curso ministrado em 1982:

1. Seja você mesmo.
2. Não seja covarde.
3. Não atrapalhe a Comunidade.
4. Vendo que não dá, peça para sair.
5. Não esconde seu dom.
6. Não seja comodista.
7. Procure não cansar a Comunidade.
8. Seja prudente no falar.
9. Não dê ouvidos à fofoca. (Manuscrito de Cora de Melo Furtado, Curso de Coordenador de Comunidade, 1982).

Ao analisar o conteúdo deste curso, Oliveira (2012) sugere que

As características que desejam aos líderes comunitários são fundamentais para o exercício de liderança, que extrapola o campo religioso, pois podem se constituir como princípios de ação política e civilidade. Algumas dessas características são válidas para uma série de cargos públicos e fundamentais para que uma liderança se sustente enquanto tal [...] (Oliveira, 2012: 103).

Dito de outro modo, o *know how* comunicacional aprendido pela liderança religiosa, poderia ser aplicado a qualquer outro tipo de liderança, como ocorreu com muitas dessas lideranças religiosas.

O que me parece mais interessante não é o significado literal das mensagens em si, mas a forma como eram transmitidas. Algumas lideranças leigas me garantiram que eu só compreenderia o que eles queriam dizer ao me contar sobre a performance de João Resende, quando eu participasse de um curso em que ele ministrasse. A experiência em participar da CF2018, ministrado por este missionário, me permitiu compreender melhor sobre a função poética das metáforas. A entonação, o gestual e a expressão corporal estava evidente na maneira como erguem a Bíblia com uma de suas mãos enquanto embalam seus corpos de um lado para o outro e cantam “sua palavra é/luz no meu caminho/luz no meu caminho meu Deus/ sua palavra é”. Esse canto é a “proclamação da Deus”, que, como explicado por João Resende

olha, proclamar é um ato solene, é um ato alegre, então suponha que a gente fala ‘vamo proclamar’ ai canta assim olhando pra baixo, olhando de banda, ai não tá proclamando, né. Então a proclamação ela é uma atitude de alegria, uma atitude festiva e também o corpo precisa de acompanha, não deixar ele duro. (João Resende, Curso da Campanha da Fraternidade, 2018)

Ou seja, o ato de proclamar envolve mais que proferir palavras num canto, envolve todo o corpo e seus movimentos integrados nessa festividade. Não só o conteúdo da letra da canção dizia sobre a “palavra de Deus” orientar a ação no mundo, no caminho a ser seguido. A “palavra de Deus” está presente no “livro sagrado” que estava sendo exaltado nas mãos do fiel em direção ao céu, ao sagrado. A tônica da “Bíblia na mão” do Mobon tão presente nos registros históricos e na fala do missionário coordenador Alípio Jacinto, foi performada por João Resende e os fiéis presentes no salão. A forma de comunicação para além da fala também se expressa com o pedido do missionário para que fizéssemos um silêncio interior após a leitura de um trecho da Bíblia - “chave bíblica” - para que nos acostumássemos a fazer um instante de silêncio após leitura, já que, segundo ele, “o silêncio é uma forma de comunicação superior a própria palavra”. Em silêncio seria, então, possível perceber qual foi a frase e/ou palavra que mais toca a quem lê, numa maneira sensorial de sentir os ensinamentos e não apenas reproduzi-los.

Em geral, o uso do sensorial esteve intensamente presente nas metáforas do missionário, propiciando nova compreensão da mensagem. Ao enfatizar a importância do “testemunho de vida” das lideranças de comunidades, o missionário pede para que cada um levante a mão direita e em seguida a passe no rosto na direção da testa para o queixo e perguntava “tem máscara?”. Após a experiência sensorial, seguia-se uma explicação oral complementando o que já havia sido transmitido.

A função referencial da linguagem estava presente, mas não se sobressaía sobre a função poética, a estética do que se dizia. Ou seja, seguindo Tambiah (1985), tratar o ritual a partir da noção de performance nos permite recuperar a dimensão multissensorial do ritual, compreender que o ritual não é apenas um fenômeno religioso, mas também produz efeitos. Na fala autorizada (Bourdieu, 1996) de João Resende, a própria ação já estava presente, nesse caso, a própria palavra já era a própria ação (Tambiah, 1985). Tem-se uma ampliação da noção de linguagem, o gesto, a expressão facial, os movimentos também são linguagem. Logo, o texto escrito seria uma redução dessa linguagem.

Dito de outro modo, o conteúdo e o uso da metáfora enquanto uma tradução do abstrato para o concreto da população local poderia ser reproduzida, mas não a prosódica, o gestual, a emoção de João Resende ao performar sua fala. Por isso que o missionário se empenha para ensinar também a poética para os “leigos”, como pude perceber durante o CCF2018. Enfatiza a forma motivada como a mensagem do curso deve ser passada para as comunidades, pelos coordenadores ali presentes.

Você não vai chegar aqui e comprar o material pra levar pra sua paróquia, como um caminhão de carga. Você vai levar como se fosse um fusquinha, um carrinho pequenininho, vai de pouco em pouco, vai levar... vai levar com motivação. Cada um tem seu jeito, você tem que ser você mesmo, mas você não pode chegar lá, puxar um banquinho, encostar na mesa e falar 'então vamos ler aqui'. Pode ler o livrinho, mas tem que ter motivação, não é fingir não, tem que ter motivação. (João Resende, Campanha da Fraternidade, 2018).

Seu foco em não fingir, remetia a sentir verdadeiramente, “não encenar, não é um teatro” e para isso se utilizou de uma dinâmica. Se dirigiu ao público e interagiu (Baumann e Briggs, 2006) com um senhor e disse “olha bem no olho, na minha cara” e proferiu “Jesus Cristo disse”, apertando a mão do senhor que em seguida respondeu “Somos todos irmãos”. Então, o missionário pede que cada um faça essa dinâmica com os “irmãos” que estavam ao lado, sem fingir, com o coração.

Estamos diante da problemática já trabalhada por Bauman e Briggs (2006) e Vansina (2010), qual seja, a tradução de uma lógica oral dotada de poética e contexto para a lógica ocidental da escrita, os textos não são suficientes para transmitir os sentimentos presentes nessa poética. Esta reflexão nos ajuda a compreender a necessidade contrária, da tradução dos textos bíblicos escritos para a lógica oral, que tem eficácia através da poética, da prosódica, do enquadramento e da ação.

Know how comportamental

O *Know how* comportamental diz respeito não apenas ao comportamento que deve ser adotado durante os processos formativos e cursos, mas também na vida, no dia-a-dia na comunidade, este último terá maior atenção que o primeiro, dada a recorrência nas conversas e relatos.

Embora o *know how* comportamental durante os processos formativos não esteja no âmago desta seção, me parece notável salientar comportamentos desejados às lideranças leigas que ministram e organizam atividades educativas nas comunidades. O *Curso de Aprofundamento e Revisão*, já citado acima, também traz à baila a importância de um bom comportamento por parte da liderança leiga. Entre os componentes de um bom comportamento se encontra o tratamento com as pessoas. Enfatizava-se que o comunicador deveria ser paciente e atencioso com todos, inclusive os mais quietos e tímidos, daí a importância de fazer até os tímidos se expressarem e se acostumarem a falar em público. Uma atenção especial deveria ser dada ao se tratar respostas dos grupos, enfatizando que o objetivo da discussão é promover e potencializar a reflexão de questões cotidianas frente os ensinamentos bíblicos, não havendo importância se a resposta estava certa ou não.

Ainda segundo as instruções contidas no curso, seria desejável que a liderança leiga demonstrasse interesse pelas atividades locais, bem como pelas tradições, buscando compreender o surgimento e a motivação dos residentes na realização de tais atividades. É de suma relevância a compreensão do universo local, bem como a atribuição de sentido que a população local dá à elementos e atividades cotidianas para que se possa adaptar o conteúdo à realidade específica. Para que se crie também, relações mais profundas e de confiança, é crucial que manifestar interesse também pelos problemas pelos quais os fiéis vêm passando, tentando ajudar na medida do possível, mas também, tendo cautela para não ser indiscreto ou invasivo. “Fazer falar é mais positivo do que ficar contando nossas histórias” (Curso de Aprofundamento e Revisão, 1972: 08).

A humildade é trazida como uma virtude cristã e acima de tudo para uma verdadeira liderança, era enfatizado que numa relação se troca experiências, se aprende com o outro e não só se ensina. O ensino nesse Movimento se assemelha à metodologias de Paulo Freire, com um ensino dialógico e não bancário. Segundo Freire (1996), uma das tarefas mais importantes da prática educativa é propiciar condições para que o educando possa se assumir enquanto ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador e criador em suas relações uns com os outros e com seus educadores. Ensinar não é transferir

conhecimentos e conteúdos, mas sim um processo dialógico baseado na reciprocidade, por isso a importância de conhecer o universo simbólico de quem se ensina, como faz João Resende em suas “comparações”. Também é importante entender que o sujeito que forma está formando outro sujeito, ou seja, ele forma e ao mesmo tempo é formado. Freire (1996) acredita que não existe docência sem discência. “Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (1996: 23).

Reformar-se e aprender com o outro está intimamente relacionado com a humildade da liderança, com a instrução de ouvir mais do que falar, “aprender a ouvir o clamor do povo” (A Força do Restolho, 1987: 10) e não se sentir o dono da verdade. Ao escrever sobre um dos cursos em que esteve presente, Kerandel e Del canto (1977: 25), afirma que “o que se percebia era a humildade, a paciência e o esforço que faziam para tomarem consciência que cada um dele tem sua função”

Quando questionado por Ramon Teixeira sobre quais as práticas pedagógicas ou educativas o curso se fundamenta, Alípio afirma que:

Nasceu mais da nossa prática mesmo... João Resende muito bom nisso, né. E enquanto o João... antes o João Resende chegar eu fiquei sozinho. Eu tive uma ideia, que eu acho que até acertei que era muito deixar o pessoal falar. [...] Podia falar a vontade, não cortava nunca. Nós fizemos um plenário lá no Caratinga, nós falamos o dia todo... foi pra nós até a uma hora da madrugada...[...] Por quê? Porque eles foram discutindo, eu deixava discutindo. Podia falar mal do padre, falar mal de quem eles quisessem, aí assim ia discutindo... depois eles foram chegando a conclusão: "eu tava falando mal dos padres, mas e nós? Que que nós estamos fazendo?", aí assim... [...] Ou seja, eles falando, quanto mais eles falava, mais melhor era. [...] então essa, isso aí nós aprendemos conosco mesmo. A ideia de ouvir. Ouvir, ouvir, deixar falar, deixar falar. E com isso nós fomos aprendendo com o povo, né, as reações do povo então... e o João Resende chegou com a capacidade extraordinária que ele tem, né... e aí ele foi ajudando mais com as comparações, etcetera. Mas mais é a natureza do João Resende, ele é assim. Ele é comparativo. Então nos fomos mais aí. (Alípio Jacinto, relato concedido a Ramon Teixeira em 08.02.2018).

Esse aprendizado a partir da experiência dos missionários, foi transmitida nos cursos, principalmente os específicos para a formação de lideranças, como é o caso do Curso da Boa Nova. De acordo com a análise do material manuscrito de Cora Furtado de Melo, que participou do curso da *Boa Nova* em setembro de 1970, em Iapu-MG, o item cinco, “*O Apostolado de Jesus Cristo*” versa sobre elementos necessários à realização do apostolado, como

[...] O método de Cristo – [...] Não força. É oportuno. Sabe ouvir. Fala no momento oportuno. [...] Cristo valoriza os ouvintes. Falava para multidões, grupo, pessoas. Valorizava os encontros, as conversas. Queria uma resposta livre. [...] Zaquel: Cristo quase não fala. É amigo. Respeita-o. Escuta-o. Valoriza-o. [...] Adultera: respeita-a. É silencioso. Mostra-lhe o seu erro.

Recomenda-lhe vida nova. [...] Pecadora: Cristo dá uma lição, uma mensagem aos ouvintes. Mostra o seu amor ao pecador arrependido. [...] Samaritana: Cristo demonstra paciência e simplicidade. Valoriza-a, levando-a à aceitação de Sua Mensagem. Anunciar o Cristo. Levar o ouvinte a encontrar-se com Cristo. (Cora Furtado de Melo, 1970: 15)

As anotações de Cora Furtado de Melo nos ajudam a compreender como esse aprendizado do “ouvir mais” foi incorporado aos cursos e se tornou uma estratégia pedagógica importante e transmitida de geração em geração. Falaremos melhor sobre as estratégias aprendidas no Movimento e nas Ceb’s na próxima seção.

Para explorar o método de Jesus, os missionários também ministraram o curso *A Caminhada de Jesus* (1985). No livreto correspondente há trechos que ressaltam a importância da humildade na pregação pública.

O povo logo notou uma diferença entre Jesus e os pregadores da época. Jesus pregava caminhando junto ao povo. Os fariseus ficavam por cima. Não caminhavam com o povo. Jesus, caminhando junto com o povo, se colocou ao lado dos que eram pisados, postos para escanteio. [...]

A caminhada de Jesus com o povo buscava um novo tipo de vida que fosse a realização do projeto de Deus. É a caminhada em busca da terra prometida. É a realização de Isaías 65, 17-25. Nessa caminhada surgem muitas dificuldades. Aparecem muitos conflitos. É que o caminho da libertação passa pelo conflito. Por isso mesmo muita gente na hora que a coisa aperta tira o time de campo ou se junta ao poder e à força. Os que restam nessa caminhada são reavivados pela esperança. (A Caminhada de Jesus, 1985: 3-4, grifo da liderança)

Também no material do *Curso de Aprofundamento e Revisão* de 1972, no item 3 que trata sobre os *Cursos de Base*, há uma passagem que ilustra bem o caráter da humildade necessária para ser uma liderança “Não vamos, então, aproximar-nos do outro como o ‘dono da verdade’. Mas, como aquele que ajuda a descobrir a verdade.” (Curso de Aprofundamento e Revisão, 1972: 6).

Já no que diz respeito à vida cotidiana, ou seja, a coerência necessária entre “fé e vida”, “oração e ação” mostro como não somente transmitir uma mensagem oralmente não era suficiente se a prática cotidiana não tivesse de acordo com o que pregava. A partir daqui, volto minha atenção para o ritual no cotidiano pós curso, baseada em relatos de lideranças, e me utilizo da noção de performance para analisar elementos desta performance necessária para manutenção da posição de liderança. De acordo com Taylor (2013),

as performance funcionam como atos de transferência vitais, transmitindo conhecimento social, memória e senso de identidade por meio de comportamentos reiterados – ou ‘duplamente comportados’ (*twice-behaved behaviour*), como chamou-lhe Richard Schechener. (Taylor, 2013: 9-10)

Nesse sentido, o “performar” (Taylor, 2013), ou o dar “testemunho de vida” estabelece uma comunicação mais ampla ao transmitir o conhecimento social, partilhar a memória, introduzindo padrões de comportamento e reiterando como se deve atuar no mundo e reforçando a identidade de “filhos do mesmo pai” e de “o pessoal do Mobon/da Ceb’s”. Emerge como uma tradução da visão cosmológica local do que é “o reino de Deus” frente a uma realidade local. Em outras palavras, a questão central posta é “como devo atuar na dimensão terrena para que ela se torne o mais próximo possível do mundo que Jesus Cristo ensinou? ”. É nesse sentido que compreendo o “testemunho de vida”, como uma metáfora da ação, que se utiliza da linguagem oral e na forma como se profere a fala, mas que não se finda nela, a própria ação produz efeitos de transmissão de conhecimento e reproduz metaforicamente o mundo desejado. A provocação proposta aqui vai além da eficácia da palavra por si só, se ela é eficaz pela legitimidade de quem a emite (Bourdieu, 1996), ou se é eficaz graças a função poética (Bauman e Briggs, 2006; Tambiah, 1985), ainda que não a exclua. As lideranças do Movimento da Boa Nova comportam a legitimidade, são ensinados a utilizar uma linguagem simbólica se utilizando da função poética e metalinguística, mas também são avaliados pela sua performance cotidiana, seu testemunho de vida. Como está nítido na fala de João Resende

a gente não pode querer ser mestre, ser dono da verdade, deixa que o pessoal reconheça e na hora que o pessoal reconhece, o reconhecimento popular, ele é muito mais forte do que uma lei que tá escrita num papel, que no papel a gente pode escrever o que quiser, o testemunho de vida não, isso aí a gente tem que perceber na vida da pessoa. (João Resende, Curso da Campanha da Fraternidade 2018)

As anotações de Cora Furtado de Melo nos ajudam a compreender elementos importantes das atuais e/ou ex-lideranças que passaram pelas experiências do Mobon. A partir do “testemunho de vida”, a Bíblia deveria ser vivenciada e praticada no dia a dia, não sendo suficiente apenas a oração verbal. A ênfase na linguagem não verbal (Bloch, 1989) tem uma centralidade essencial no ritual cotidiano do “testemunho de vida”. A mudança da prática cotidiana é fundamental para se dar o exemplo ao outro no processo de formação de discípulos, esse exemplo só pode ser dado através do corpo, que é o meio pelo qual o homem existe no plano terreno. A liderança do Mobon era ensinada a adaptar-se ao contexto em que se encontrava, a fim de obter uma comunicação efetiva, para isso buscava-se partir do concreto, da realidade do novo discípulo a fim de chegar a uma compreensão bíblica através do uso de metáforas. Essa comunicação efetiva e a compreensão da “palavra de Deus” contribuía na busca pelos discípulos mais desanimados,

que muitas vezes não se sentiam tímidos e deslocados. As lideranças eram treinadas para saber ouvir, participar das preocupações do outro, dialogar e caminhar junto com ele, se tornando um militante religioso.

Durante o CCF2018, em que eu e meu companheiro de pesquisa, Ramon Teixeira, fomos apresentados como universitários interessados na relação entre fé e vida, vários fieis nos procuraram para relatar seu “testemunho”, ou como a “palavra de Deus” havia “tocado” suas vidas. As falas quando proferidas próximas à Bíblia, eram acompanhadas pelo toque da mão no “livro sagrado” se referindo ao que havia dado suporte à conquista alcançada. A fala de uma mulher me vem à mente “foi isso aqui ó, que mudou minha vida”. Os testemunhos variam numa ampla gama de realidades cotidianas, desde a violência doméstica, passando pelo abandono do uso de agrotóxicos, até o desarmamento voluntário. Não obstante a variação temática, todos estão interconectados pela motivação, pela coerência buscada entre “fé e vida”, pelo exemplo que se deve ser no mundo.

Durante o CCF2018, tive a oportunidade de escutar e conhecer alguém que havia passado por um dos testemunhos mais famosos do Mobon. Normalmente, as lideranças fazem comentários sentados se utilizando do microfone que permanece nas mãos de João Resende. Nesse caso, a liderança, já mais velha, se levantou e ocupou o posicionamento do expositor para nos contar como a Bíblia e o Mobon haviam contribuído para que ele compreendesse a importância da não violência. Conta que possuía uma arma, mas a enterrou pois vendê-la significaria passar a “desgraça” de seu uso para o comprador e como cristão ele não desejava isso.

Oliveira (2012) ao estudar um município na região onde reside tal liderança fala sobre a importância da mudança de comportamento em favor da paz.

A formação da comunidade mudava lógicas de comportamentos entre pessoas que eram vizinhas e havia estímulos para que não houvesse conflito entre as pessoas. Além disso, Padre Léssio insistia para que os católicos entregassem suas armas na delegacia ou as enterrassem, pois seria uma incompatibilidade ser católico “de verdade” e possuir armas. É revestido do poder institucional católico que tinha legitimidade para fazer uma afirmação tão contundente. (Oliveira, 2012: 84).

Afirma ainda, em nota de rodapé que, “uma liderança religiosa disse-me, depois de uma entrevista, que era comum andar armado, mas enterrou seu revólver como fizera alguns de seus vizinhos produtores rurais por influência dos pedidos do Padre Léssio.” O desarmamento é uma temática recorrente quando se fala em testemunho. Em uma conversa

com João Clemente, liderança de outra região de Minas Gerais, ele fala sobre o desarmamento em sua região:

Porque a Comunidade Eclesial de Base, ela trouxe um conhecimento muito grande pras área rural e conseguiu desarmar o pessoal que andava muito armado aqui, vendeu suas armas não por medo da política, ou porque a mulher mandou, o pai mandou, foi por causa da Bíblia. Foi conscientizado que a arma não vale nada pra gente, que um homem armado ele morre mais rápido e conseguimos desarmar 80% das famílias da nossa região aqui, pegando Mutum, pegando Lajinha, essa região toda ai, com a Bíblia e cursinho. Ai a gente vai lá, e as vezes a gente corria risco de vida, porque a gente vai trabalhar com pessoas diferentes, pessoas distantes. (João Clemente, relato concedido à autora do trabalho em 26/07/16).

O “testemunho de vida” se apresenta, a meu ver, como a própria estética e poética da linguagem, mostrando que existe uma outra forma de linguagem que não a referencial, corroborando com Bauman e Briggs (2006). Assim, conteúdo, forma e ação dançavam juntos ao som da mesma canção trazendo a intensidade sensorial múltipla para o ritual da vida cotidiana, como na canção “Quem plantar a paz e o bem pelo caminho/ E cultivá-los com carinho e proteção/ Não mais verá a violência em sua terra. (Is 59,6)/ Levar a paz é compromisso do cristão! (Ef 6, 15)”. O trecho transcrito diz respeito a uma parte do Hino Da Campanha da Fraternidade de 2018, com o tema “Fraternidade e superação da Violência” e traz elementos como “plantar”, “cultivar”, “caminho” e “compromisso”, remetendo-se não somente à terra e à plantação e ao cuidado, mas ao compromisso que o cristão tem de agir em prol da paz no mundo.

Há um deslocamento evidente da oração apenas verbal, para uma oração verbal e prática. A mudanças das práticas sociais como forma de oração, era uma ênfase dos cursos do Mobon, como pode ser visto no livreto *Oração e Vida*¹⁴, em que o papel da ação na oração é colocado como fundamental para que se atinja o objetivo. “Rezar só com a boca não basta. A ação é condição para a entrada no Reinos dos céus” (1986:12). Através da leitura do livreto, pode-se compreender melhor a preocupação dos leigos com o “testemunho de vida” e a ação enquanto oração: “é Deus que nos conduz, mas quem movimenta as pernas é nós, os passos quem dá é nos. Não adianta nada Deus te conduzir se você não move as pernas, entendeu?”¹⁵. A prática da palavra de Deus na vida cotidiana e o agir com coerência em relação à crença católica tornou-se a principal característica de

¹⁴ Material disponibilizado por Cora Furtado de Melo.

¹⁵ Romualdo Alves, 63 anos, lavrador, ex liderança religiosa e política, primeiro candidato a prefeito de seu município pelo Partido dos Trabalhadores, relato concedido à autora do trabalho em 24.07.2016.

ser católico. “A verdadeira oração está ligada com a vida. Com os problemas. Com as necessidades de todos.” (1986:12).

A formação da comunidade, que se dava pela junção dos grupos de reflexão, era um dos deveres instituídos pela diferença de se tornar líder (Bourdieu, 1996). Sendo a vida comunitária um dos objetivos do Mobon, a formação de comunidades rurais cristãs era estimulada a fim de dinamizar as práticas católicas de grupos que partilhavam o mesmo espaço em torno de uma capela. Entretanto, nem todos os locais já possuíam uma capela, sendo necessário o deslocamento de fiéis por longas distâncias. Assim, a organização de grupos vizinhos em processo cooperativo para sua construção de uma capela local era estimulada pelo Movimento. Então, católicos que dividiam o mesmo espaço, em geral nos córregos distantes da igreja matriz, eram estimulados pelo Mobon a se reunirem, rezarem e se organizarem via mediação de lideranças, consolidando, assim, uma Comunidade Eclesial de Base.

O sentimento de pertencimento gerado durante os cursos de formação de lideranças, o uso de uma linguagem simbólica e performatizada, juntamente com o que chamo de metáfora da ação, gerava um forte sentimento de integração social, o que viabilizava a concretização de projetos coletivos, como a organização de festas e benfeitorias locais, surge assim o trabalho comunitário.

Serviço de um dia, dois dias, eu num cobrava, nós ia pra lá fazer. Isso tudo saiu da Comunidade Eclesial de Base, as CEB's, porque antes a gente não tinha isso como um trabalho comunitário, não existia.¹⁶

Através do Mobon, os leigos católicos aprenderam que a fé sem ação não faz sentido e que juntos e organizados em comunidades eles eram capazes de mudar a realidade em busca do “bem comum”. Em outras palavras, a oração verbal era importante, mas não suficiente, está deveria ser coerente com a construção do “reino dos céus” na terra. E é baseado nessa cosmologia que, através de atividades de cooperação, os trabalhadores rurais se ajudavam entre si, em trabalhos em estilo de mutirão.

Um companheiro aqui achou que deveria ajudar o cara. Falou “vão pra lá”, lá no arrependido, lá no Durandé. “vamos lá fazer o barraco do rapaz”, fizemos... e lá não era barraquinho não, era de alvenaria mesmo, o trem bem feito.¹⁷

¹⁶José Mariano, 67 anos, lavrador e liderança religiosa e política, relato concedido à autora do trabalho em 25.07.16.

¹⁷José Mariano, 67 anos, lavrador e liderança religiosa e política, relato concedido à autora do trabalho em 25.07.16.

Tais relatos evidenciam uma inflexão da prática católica e social, enfatizando o papel da ação na vida religiosa como complementar da fé. Os cursos, com sua linguagem simbólica, o contato com outras comunidades, a experiência de ações comunitárias em prol do que consideravam como “bem comum” e a pressão da Igreja por uma maior organização e conscientização social, levaram a uma nova forma de ser católico, a uma nova prática religiosa, em que a ação fazia parte da fé, e o “testemunho de vida” era tão ou mais importante que a oração verbal.

A necessidade de uma ação cosmologicamente orientada se dava também pelas “lideranças leigas” estarem sob análise constante dos fiéis, de modo que não apenas o que se dizia era importante, como também o que se fazia e como se fazia. Através do rito de instituição o “fiel” se tornava líder e era autorizado a falar, a transmitir os ensinamentos bíblicos-religiosos de forma legitimada pela Igreja Católica, não obstante, se tornar-se líder era necessário, não era suficiente, já que estabelecia deveres para manter seu prestígio e autoridade de fala (Bourdieu, 1996) em seu cotidiano. A comunidade de fiéis da Igreja Católica se mantinha atenta à coerência entre os princípios cristãos ensinados e as ações no cotidiano das lideranças.

Como pode ser visto, a performance das lideranças leigas do Movimento da Boa Nova propiciou e reforçou o sentimento de pertencimento dos leigos com relação à Igreja Católica, fazendo com que se sentissem importantes no processo de difusão dos ensinamentos religiosos nas áreas rurais onde as visitas dos padres eram esparsas. Todo esse processo desde a formação de lideranças e comunidades até uma reordenação da vida social, em que a ação é tão importante quanto a fé, estimularam os leigos católicos à atuarem não somente no campo religioso, mas também no campo político. Isto é, a sociabilidade e religiosidade, promovidas pelo Mobon, influenciaram seus agentes para se engajarem na militância sindical e político-partidária. Esse engajamento atualmente sugere outra forma de performance, a ser analisada em estudos futuros.

As outras gerações

A juventude emerge com significativa importância para a compreensão do papel da formação pedagógica e organizacional do Movimento da Boa Nova. Entre meus interlocutores, separei analiticamente três gerações, sendo que a maior parte das que constituem a segunda e terceira geração nunca estiveram na casa de cursos do Mobon, mas conhecem todo o *know how* trabalhado acima.

Essa metodologia utilizada durante os cursos se perpetuou nas Ceb's, nos Grupos de Reflexão e na posterior Pastoral da Juventude, onde muitas lideranças da segunda geração se consideram formados. Dito de outro modo, a metodologia passou de geração para geração podendo variar no conteúdo, mas mantendo um núcleo forte em questões metodológicas como a discussão em grupos, os temas específicos a serem debatidos, a formação de lideranças antes de que eles saíssem para ministrar um curso, os cursos serem ministrados em duplas, os cantos, o uso do sensório, etc.

Assim, apesar de Oscar Costa nunca ter ido ao Mobon e não ter feito curso da Boa Nova, ele aprendeu a metodologia de reflexão ensinada à geração anterior através dos Grupos de Reflexão. Essa mesma metodologia de reflexão sobre textos bíblicos poderia ser utilizada de outra maneira e foi o que aconteceu com a Pastoral da Juventude no município onde reside.

Ai depois de uns três anos que a gente tava fazendo esse trabalho, foi lá tivemos o primeiro envolvimento com a questão política, porque a gente trabalhava religião, preparar as pessoas ali pra discutir a importância da religião ali na zona rural era muito forte. A partir dali nos também começamos a discutir a questão política, ai começamos a discutir, na época era um pouco mais forte discutir essa questão de, de... começamos a discutir a questão dos partidos... [isso era que época mais ou menos?] Foi na década de, finalzinho de 80, 88, até 90, ai começamos a discutir, eu sei que culminou com a, aquela eleição do, do Collor, que aí nós achamos interessante discutir isso, porque nos ainda não tinha percebido que tinha alguma coisa de estranha naquela veste do, do Collor. Ai começamos a fazer uma discussão de partido de esquerda, o que significava partido de esquerda, de centro, isso era bem forte na época, de direita e tal... [Isso no grupo de jovem?] É, isso... ai já... o Grupo de Jovem já tinha transformado na Pastoral da Juventude, que era uma organização dos jovens na Igreja católica e aqui na nossa diocese era bem forte esse, e ai eu achei engraçado que não sei se foi a eleição de, não sei se foi 92, nos enquanto pastoral da igreja dentro do município, fizemos uns discursos em todas as comunidades e achamos interessante nos lançar um candidato a vereador da pastoral da juventude e assim foi um troço muito forte naquela época. Ai nos conseguimos colocar tipo de suplente, a menina que nos escolhemos ela ficou de suplente. Ai depois eu, também participei muito do grupo de reflexão, foi muito forte minha participação nos grupos de reflexão, ate hoje eu ainda participo, logico que com menos afinco porque a questão do tempo tá pouco, mas sempre gostei porque eu achava que era uma coisa bacana da Igreja Católica que tinha aquilo. (Oscar Costa, relato concedido à autora do trabalho em 22.02.2018)

Isso sugere que a metodologia de reflexão que perdura e se multiplica através dos movimentos sociais que se desdobraram é tão importante quanto o próprio curso da Boa Nova em si. Este se apresenta como um marco fundacional que, como processo, se

modificou e vem sendo ressignificado pelas lideranças a partir de novas demandas sociais. Note que a reflexão a partir do concreto incentivou a candidatura de alguém da Pastoral da Juventude ao cargo de vereador.

Através de um método do Mobon e Ceb's o *habitus militante católico* (Oliveira, 2012) das lideranças passaram de geração para geração, levando a expansão da reflexão das Ceb's para os jovens através da formação do Grupo de Jovens e a posterior organização da Pastoral da Juventude Rural. O processo de formação de processos pedagógicos de movimentos de bases que tem à frente lideranças do Mobon e CEB's, do sindicato, do PT de base ou Pastoral da Juventude, seguem um núcleo metodológico das Ceb's e Grupos de Reflexão, embora sempre questionando hierarquias, ressignificandos e adaptando ao grupo em questão. Nesse sentido argumento que apesar do conteúdo dos cursos do Mobon ser fluído, a metodologia utilizada para organizar socialmente os fiéis católicos rurais permanece nos movimentos de base que se desenvolveram a partir da criação das Ceb's e dos Grupos de Reflexão na região, como nos STR's, a Pastoral da Juventude, cooperativas, associação de mulheres, movimento negro, etc. Os sindicatos que tiveram orientação do Mobon e CEB's na sua fundação na Zona da Mata Mineira foram amplamente analisados por Comerford (2003), bem como a formação política em um município do Leste Mineiro por Oliveira (2012). Ambos mostraram como religião e política andam lado a lado quando tratamos dessas lideranças que vem com “caminhada de base”.

Considerações Finais

Neste trabalho, procurei explorar o método de organização religiosa e política do Movimento da Boa Nova, mostrando como a própria formação da liderança religiosa já implicava uma formação política e a busca por justiça social. O método utilizado pelo Mobon foi sendo desenvolvido ao longo das vivencias dos missionários responsáveis pelo Movimento, que foram desenvolvendo habilidades, aprendendo com os leigos e a partir disso, estabeleceram um método de formação de lideranças, que se constitui num processo pedagógico e organizacional. Basicamente, o método consiste num conjunto composto por três tipos de *know how*: o organizacional, o comunicativo e o comportamental.

Apesar da mudança de pautas das discussões, dada a fluidez da realidade no tempo e no espaço, argumento que existe um núcleo forte dessa metodologia que permanece ainda hoje nos grupos sociais organizados por lideranças religiosas das novas gerações. Isto se deu porque a liderança recém-formada seria responsável pela formação de novas

lideranças, o que gerou um *efeito multiplicador* de um método de educação popular que segue com um núcleo forte, embora ressignificado a cada grupo em que é utilizado.

Referência Bibliográfica

ARAÚJO, Ricardo Torri. *O Movimento da Boa Nova*. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1999.

BAUMANN, Richard, and BRIGGS, Charles. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. *Ilha Revista de Antropologia*, 8 (1,2): 185-229, 2006.

BLOCH, Maurice. Symbols, song, dance and features of articulation. In: *Rituals, History and Power*. London: Athlone Press, 1989, pp. 19-45.

BOURDIEU, Pierre. A linguagem autorizada: as condições sociais da eficácia do discurso ritual. In: _____. *A Economia das trocas Linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, pp. 85-96.

BOURDIEU, Pierre. Os ritos de instituição. In: _____. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996, pp. 97-106.

COMERFORD, John Cunha. *Como uma família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2003.

COSTA, Alípio Jacinto da. Movimento da boa nova (MOBON). (Texto datilografado). Dom Cavati-MG, [19-].

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 34. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Wanda Lúcia; ANDRADE, Durval Ângelo. *MOBON, missão e fé libertadora*. Belo Horizonte: O Lutador, 2011.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1958-1963: João XXIII). – *Encíclica Mater et Magistra: aos veneráveis irmãos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários do lugar em paz e comunhão com a Sé Apostólica, bem como a todo o clero e féis do orbe católico*. In AAS 53 (1961) 401-464. Disponível em: < http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html>. Acesso em: 11 set. 2018.

KERANDEL, Jean; DEL CANTO, Luis Mario. *Evangelizacion y promocion en Comunidades Eclesiales de Base (medio rural)*, Brasil. Medellín, Instituto Pastoral del CELAM, 1977.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Tradução: Tânia Pallegriani. Campinas: Papirus, 1989.

MAINWARING, Scott. *A Igreja e a Política no Brasil (1916-1985)*. Tradução: Heloísa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MONTERO, Paula et al. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião & Sociedade*, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa. *Religião, política e comunidade: emergência e politização do Movimento da Boa Nova*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – UFRRJ, Rio de Janeiro, 2012. Orientação de Regina Ângela Landim Bruno.

RABELO, L. *O Processo de formação religiosa e política do Movimento da Boa Nova*. Relatório de iniciação científica (Licenciatura em Ciências Sociais). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

RESENDE, João da Silva. A formação como eixo central do MOBON. In: GOMES, Wanda Lúcia; ANDRADE, Durval Ângelo. *MOBON: missão e fé libertadora*. Belo Horizonte: O Lutador, 2011, p.149-151.

TAMBIAH, Stanley J. A Performative Approach to Ritual In: _____. *Culture, Thought, and Social Action*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 123-166, 1985.

TAYLOR, Diana. Traduzindo Performance. In: DAWSEY, John et al. *Antropologia e Performance*. São Paulo : Terceiro Nome, 2013, pp. 9-16.

TEIXEIRA, Ramon da Silva. *Sindicalismo rural em Espera Feliz/MG: história, reuniões e eixos-articuladores de sua prática política*. Monografia (bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2017.

THEIJE, Marjo De. *Tudo o que é de Deus é Bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2002.

VANSINA, Jan. "A tradição oral e sua metodologia." *História geral da África* 1 (2010): 157-179.